



***AINDA UMA QUESTÃO EM ABERTO? O QUE DIZEM PESQUISAS
RECENTES SOBRE MASCULINIDADES NEGRAS***

***¿UNA CUESTIÓN AÚN SIN RESOLVER? LO QUE REVELAN LOS
ESTUDIOS RECIENTES SOBRE LAS MASCULINIDADES NEGRAS***

***AN ONGOING QUESTION? INSIGHTS FROM RECENT STUDIES ON
BLACK MASCULINITIES***

Felipe de Carvalho Ferreira¹

RESUMO

O presente artigo é o desdobramento de uma pesquisa de dissertação de mestrado onde foram investigadas revistas científicas nas áreas da Educação e Gênero e Sexualidade entre os anos de 2012 a 2022, artigos que debatessem sobre a temática das masculinidades negras. Desse modo, as atenções miraram sobretudo na compreensão de como o campo científico se organizou para pensar tal assunto, além de seus referenciais teórico-metodológicos, desenvolvimento e conclusões de pesquisas. Nesse sentido, durante as investigações foram localizadas poucas produções que versaram sobre tal temática, principalmente no campo da Educação, sendo encontrados apenas quatro textos. Portanto, discussões foram mobilizadas na direção de uma problematização sobre as significações em disputas diante suas identidades a partir do levantamento mobilizado.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades negras. Raça. Gênero. Educação.

RESUMEN

Este artículo se desprende de una investigación de maestría que examinó revistas científicas en los campos de la Educación y de Género y Sexualidad entre los años 2012 y 2022, con especial atención a los artículos que abordaron la temática de las masculinidades negras. La indagación no se limitó a identificar dichas producciones, sino que buscó interrogar cómo el campo científico se ha posicionado para teorizar este objeto, cuáles marcos epistemológicos y metodológicos ha privilegiado y qué trayectorias y conclusiones han emergido de estas investigaciones. Los hallazgos revelan una notoria escasez de trabajos dedicados a este tema, particularmente en el ámbito de la Educación, donde solo se localizaron cuatro textos. Tal carencia de producción pone de relieve la

¹ Mestre em Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

marginalización de las masculinidades negras como objeto legítimo de conocimiento y señala la persistencia de silencios epistémicos en el discurso académico. En este sentido, las discusiones movilizadas en este artículo problematizan los procesos disputados de significación identitaria, evidenciando cómo dichos silencios y omisiones constituyen, a su vez, lugares de disputa y de poder.

PALABRAS-CLAVE: Masculinidades negras. Raza. Género. Educación.

ABSTRACT

This article derives from a master's dissertation research that examined scientific journals in the fields of Education and Gender and Sexuality between 2012 and 2022, with particular attention to articles engaging with the theme of Black masculinities. The inquiry sought not merely to identify such productions, but to interrogate how the scientific field has positioned itself to theorize this subject, the epistemological and methodological frameworks it has privileged, and the trajectories and conclusions emerging from these investigations. The findings reveal a striking scarcity of scholarly work dedicated to this theme, especially within the field of Education, where only four texts were located. Such paucity of production underscores the marginalization of Black masculinities as a legitimate object of knowledge and signals the persistence of epistemic silences within academic discourse. In this sense, the discussions mobilized in this article problematize the contested processes of identity signification, evidencing how these silences and omissions are themselves sites of dispute and power.

KEYWORDS: Black masculinities. Race. Gender. Education.

* * *

Coletivamente, podemos romper com a masculinidade patriarcal sufocante e ameaçadora imposta aos homens negros e criar visões férteis para uma masculinidade negra reconstruída...

bell hooks

Introdução

Para iniciar a nossa conversa, é importante salientar que as problematizações e publicações entorno da temática das masculinidades negras encontram-se em um território ainda em construção e em constante disputas discursivas. Há um longo caminhar para que possamos problematizar tal categoria de modo que sua abrangência teórica e metodológica seja sedimentada no campo da Educação. As produções que aqui serão anunciadas apontaram para lacunas, produzindo assim questionamentos importantes sobre a presença desses sujeitos em diversos espaços sociais e de pesquisa.

Em geral, os debates sobre Masculinidades enfrentam desafios frente às reflexões sobre o comportamento dos homens na sociedade. A busca por historicizar suas performatizações caminham para uma não essencialização de seus corpos,

comportamentos e ações. Nesse sentido, torna-se cada vez mais necessário compreender como foi se construindo um imaginário de homem associado aos cenários de violência, criminalidade, agressividade e afastado de seus sentimentos.

A partir disso, destaco algumas das pesquisas produzidas por homens negros que sublinham tais problemáticas, como: Paulo Melgaço da Silva Junior; Henrique Restier; Rolf Malungo de Souza; Deivison Mendes Faustino; Túlio Augusto Custódios entre outros. A necessidade de trazer tais pesquisadores caminha com o movimento de fazer emergir esses estudos que circulam em diferentes campos de pesquisa. Paralelamente às lacunas, há também um somatório de brechas encontradas para se pensar outros modos de ser homem negro na sociedade.

Para mergulharmos nessas nuances onde se forjaram os debates das masculinidades, é preciso compreender também sua emergência no movimento feminista, local este que indicou a desassociação das conversas de gênero apenas às mulheres. Desse modo, foi sendo alimentado a ideia de que homens também deveriam ser sujeitos participantes dessa discussão e produzidos a partir de uma zona da invenção. Quando miramos tais argumentações aos homens negros, encontraremos pesquisadoras no campo do feminismo negro nos Estados Unidos como bell hooks, Patrícia Hills Collins, por exemplo, buscando tensionar tais problemáticas a partir de uma perspectiva interseccional.

Não somente, mas a América Latina também soma força com contundentes pesquisadoras(es) no campo das masculinidades que incidem nessas leituras que interrogam gênero e raça. Sobre isso, trago Mara Viveiro Vigoya (2018), autora que inicia sua conversa sedimentando sua posição enquanto mulher feminista interessada no diálogo sobre a construção das masculinidades. Nesse sentido, sublinho uma interessante articulação em seu argumento sobre o lugar das mulheres no trabalho sobre homens e masculinidades:

Pareceu-me importante, em termos políticos e analíticos, aprender a me dirigir aos homens e falar sobre eles com uma voz feminista que os desafia, mas sem diminuí-los, animada pelo anseio de gerar um espaço de solidariedade e transformação social com aqueles que expressem seu respaldo às lutas feministas (p. 21).

Ao passo que hooks (2022) interroga a composição estrategicamente pensada para esses corpos negros e masculinos, a autora tocará justamente na questão da necessidade

de se pensar na trajetória de homens negros em diáspora, juntamente com as repercuções que ocupar um “novo mundo” acarretou a eles. Nesse sentido, as insistentes tentativas de anexar aos corpos masculinos e negros uma construção do fracasso, perigo e sua composição animalizada tornou suas experiências únicas dentro do espectro das masculinidades. Tentando escapar e complexificar os discursos produzidos, hooks (2022) desenvolve:

Homens africanos transplantados, mesmo aqueles que vinham de culturas em que os papéis de cada sexo moldavam a divisão do trabalho, em que o status dos homens era diferente e geralmente mais elevado que o das mulheres, tiveram as noções de hombridade e masculinidade dos colonizadores brancos impostas sobre eles (p. 175).

Portanto, torna-se prudente criar fissuras nos modos como interpretamos as noções de masculinidades, bem como indicarmos suas performatizações imersas a contextos múltiplos e contraditórios entre si. Entre outras palavras, a flexão no plural de *masculinidades* realça que a categoria de homem, bem como homem negro não é uma experiência única entre os sujeitos que se inserem nessas dimensões. Adensar na costura desses relatos e vivências pode demonstrar as intempestividades com que são orquestradas suas trajetórias.

Quando Osmundo Pinho (2019) salienta sobre a crise de masculinidade/ crise da sociedade, o autor tece uma fina relação com a questão de um racismo que se apresenta de forma estrutural e estruturante em nossa sociedade. Pensar nos homens negros imbuídos de práticas performatizadas reverbera, por exemplo, na vigilância do Estado frente a um movimento de necropolítica, de morte, diante seus corpos (Achille Mbembe, 2018). Sobre isso, Pinho (2019) argumenta que:

Precisamos considerar a crise do masculino, como podemos finalmente qualificá-la, como uma crise da sociedade em si e das suas contradições, levadas a cabo ou encenadas através da produção de campo de diferenciação social. No Brasil, o racismo, como um fato histórico fundador e figura estrutural, está sempre presente, embora de maneira muitas vezes não perceptíveis (p. 107).

Marcio Rodrigo Vale Caetano, Tarciso Manfrenatti de Souza Teixeira e Paulo Melgaço da Silva Junior (2019) afirmam que há um impasse nessa lógica de poder que coloca esses sujeitos em um paradoxo: não pertencem a uma masculinidade hegemônica, ao mesmo tempo que são essencializados para exercerem um padrão onde se aproximem

ao modelo de força, coragem e virilidade. Esses atributos incidem em uma disputa de narrativas de modo que os conduzam à marginalização tendo como reflexo o modelo do homem branco, cisgênero e heterossexual. Portanto, àqueles que eventualmente não performatizam o ideal esperado, a citar os homens negros gays/trans/intersexos ou qualquer outra identidade de gênero que fuja da identificação heteronormativa e branca, ocupam lugares contraditórios e de subalternidade nessa lógica de poder.

Sendo assim, mobilizar um levantamento de informações sobre os periódicos que investiram seus estudos nas masculinidades negras, assim como suas respectivas metodologias, interlocuções teóricas e principais resultados foi um caminho importante para estudo. Por isso, torna-se necessário um mergulho apurado para pensar esses corpos no limiar de suas interdições e agências.

Procedimentos metodológicos

Ao investigar publicações entre 2012 a 2022 em revistas no campo da Educação, a escassez de pesquisas que sustentassem discussões sobre homens negros foi sendo aos poucos delineadas. Dessa forma, mobilizado por tais lacunas busquei então em outras fontes, como em revistas de Gênero e Sexualidade, uma maior gama de produções nesse mesmo período. Inevitavelmente, a resposta para tal situação foi sendo cada vez mais revelada: há uma grande lacuna que se debruça na investigação de experiências e relatos sobre as masculinidades negras.

De antemão, é importante ressaltar que a escolha desse recorte temporal ocorreu devido a relevância que o baixo quantitativo de produções foi se apresentando. Como critério de inclusão, localizei artigos que versaram sobre a temática das masculinidades, ainda que meu objetivo fosse, inicialmente, nas masculinidades negras. Nesse espectro macro pode ser observado a comparação entre as temáticas com ênfase na raça e no gênero compreendendo assim possíveis brechas deixadas por tais pesquisas. Foi realizado a leitura dos títulos, resumos, metodologias e conclusões de cada texto. Além disso, a seleção desses artigos a partir das revistas avaliadas entre A1 e A4, ocorreu devido seus maiores impactos acadêmico e social, conforme Leite (2014) sublinha:

O recurso ao sistema Qualis não pretendeu responder a critérios de qualidade endossados pela pesquisa, mas, sim, à sabida valorização, por parte dos pesquisadores em geral, das revistas com melhor classificação nesse sistema. Trabalhamos com a suposição de que tal classificação tem, entre outros, o efeito de maior circulação dos conteúdos que

veicula, bem como poder de atração dos textos de pesquisadores influentes (p. 157).

As etapas que utilizei para separar esses textos ocorreram da seguinte maneira: primeiramente, tive como foco a leitura dos títulos de trabalhos que apresentassem os descritores anteriormente mencionados. Caso encontrasse alguma dificuldade nessa identificação, passaria para o seu resumo. Se ainda assim ficasse impreciso sobre o que se tratava o debate, utilizaria o recurso de uma leitura completa do trabalho em questão. Em geral, apenas com a análise do título, seguido do seu resumo já foi possível realizar a varredura nesse levantamento.

Ao lado disso, os repertórios narrativos desenvolvidos e divulgados por essas revistas puderam repercutir nos imaginários sobre a emergência das masculinidades, seus desafios e transformações. Através dos dados indiciados, pode-se observar que as bases teóricas coincidiram com as disputas de sentidos diante o masculino, na tentativa de propor outros debates possíveis pelos quais homens negros vivenciam suas masculinidades na sociedade.

Foram revisitados ao todo 61 periódicos de educação: *Cadernos CEDES*; *Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas*; *Educação e Sociedade*; *Educação e Pesquisa*; *Educação e Realidade*; *Educação em Revista (UFMG)*; *Educação Temática Digital (ETD)*; *Educar em Revista*; *Pro-Proposições*; *Revista Brasileira de Educação*; *Curriculum sem Fronteiras*; *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*; *Revista Educação em Questão*; *Revista da FAEEBA*; *Educação (PUCRS)*; *Práxis Educativa*; *Cadernos de Educação - UFPEL*; *Educação (UFSM)*; *Educação Unisinos*; *Educação: teoria e prática*; *Educação, sociedade e Culturas*; *culturas*; *Educação e cultura contemporânea*; *Revista e-curriculum (PUCSP)*; *Revista teias*; *Atos de pesquisa em educação (furb)*; *Educação e emancipação (UFMA)*; *Educação em foco (UFJF) online*; *Ensino e pesquisa*; *Ensino em re-vista*; *Espaço pedagógico*; *Interaccoes*; *Linguagens, educação e sociedade*; *Reflexão e ação (online)*; *Revista de educação puc-campinas*; *Revista de ensino, educação e ciências humanas*; *Revista educação e Emancipação; emancipação*; *Revista educação e formação; formação*; *Revista entreideias: educação, cultura e sociedade*; *Revista psicopedagogia*; *Revista tempos e espaços em educação (online)*; *Comunicação e educação; educação*; *Educação e linguagem*; *Educação e cultura em debate*; *Educação e políticas em debate*; *Educação em foco (UEMG)*; *Educação on-line (PUCRJ)*; *Educação por escrito (PUCRS)*; *Educativa (UCG)*; *Ensino em foco (online)*;

Interfaces científicas – educação; Momento - diálogos em educação; Revista brasileira de educação de jovens e adultos; Revista brasileira de educação do campo; Revista contemporânea de educação; Revista de ciências humanas – educação; Revista diversidade e educação; Revista educação e fronteiras on-line; Revista educação e linguagens; Revista pedagógica (chapecó. Online); Temas em educação (UFPB); Textura (ULBRA).

Buscando discutir como a produção acadêmica de artigos científicos sobre a temática das masculinidades negras se fez presente em revistas especializadas nas áreas da Educação nos últimos dez anos (2012 a 2022), compartilharei a seguir alguns dos achados dessa investigação. As pretensões nesse levantamento coincidiram na problematização das principais teorizações sobre a construção das masculinidades negras e suas reverberações para os sujeitos que se identificam nesse marcador social. Ainda que houvesse outras produções sobre a temática, o interesse foi de apresentar às complexidades que se colocaram diante diferentes referenciais teóricos e discussões.

Utilizando as palavras-chave *masculinidade, masculinidade negra, masculino, homem, garoto, menino* e suas flexões no plural, na busca em 62 Revistas da área da Educação, 36 artigos localizados apresentaram a temática das masculinidades em uma perspectiva não-racial, ou seja, a tentativa de pensar esses homens numa dimensão onde a raça pudesse influenciar suas experiências de gênero, por exemplo. Ao lado disso, apenas 4 pesquisas desenvolveram noções próprias das masculinidades negras e suas interferências com o fato de que homens negros experimentam e compartilham outras percepções e contatos com o que é definido como masculino

Por outro lado, a partir de uma investigação em portais de revistas sobre “Gênero e Sexualidade”, contrariamente das revistas em Educação e utilizando os mesmos descritores do levantamento anterior, uma gama maior de estudos sobre as masculinidades negras foi localizada. Na ocasião, localizei em torno de 120 artigos que apresentaram problematizações sobre as masculinidades. Em contrapartida, apenas 18 artigos tiveram em seu enfoque o recorte racial. Sendo assim, busquei as possíveis justificativas, interlocuções teóricas e conclusões para compreender os atravessamentos que emergiram desse outro campo de estudos.

Detalhadamente, foram revisitados 15 periódicos, dentre eles: *Revista Gênero, Sexualidades e Direito; Caderno Espaço Feminino; Revista Ártemis; Revista Brasileira de Sexualidade Humana; Revista Brasileira de Estudos da Homocultura; Revista Estudos*

Feministas; Caderno Pagu; Cadernos de Gênero e Diversidade; Revista Periodicus; Revista Sexualidade, Saúde e Sociedade; Cadernos de Gênero e Tecnologia; Revista Bagoas; Revista Gênero (UFF); Revista latino-americana de Geografia e Gênero; Revista Feminismos.

Portanto, pode-se concluir que ainda é encontrado no campo da Educação sobretudo uma escassez de problematizações entorno da temática das masculinidades negras. Em contrapartida, em revistas cujo foco depara-se com as investigações sobre Gênero e Sexualidade, há uma tendência maior de trabalhos que se debruçam nessa análise. Algumas suspeitas frente aos possíveis interesses das revistas, somadas à dos(as) pesquisadores(as) puderam reverberar no quantitativo de publicações nesses campos. Todavia, insisto na prerrogativa que apesar de poucos, os artigos encontrados apresentaram um importante potencial representativo no cenário científico que revelaram a abrangência de articulações frente ao tema das masculinidades negras.

Percursos teóricos e produção de saberes frente as Masculinidades Negras

Ao lançar o artigo *Políticas da masculinidade*, Raewyn Connell (1995) atravessou uma discussão ainda incipiente no campo de gênero. Sob uma perspectiva histórica, a autora argumenta que discutir sobre homens não mais seria possível ser reduzido ao “papel” do sexo masculino. Para além disso, o que se entende como masculinidade diz respeito a uma estrutura social que organiza práticas e reitera discursos de forma a manter os homens diante uma posição hierárquica nas relações de gênero. Portanto, permitir-se compreender essas práticas permeia uma definição diante não apenas daquilo que homens reproduzem a respeito de seus comportamentos, mas também suas produções.

Ao atrelarmos essas discussões no campo de raça, poderemos encontrar outras tantas complexificações que introduzem às normativas de gênero outros tantos debates que atravessa as experiências desses homens. Autores(as) como Stuart Hall, Nilma Lino Gomes e bell hooks alertaram para uma identidade que é múltipla, fluida e complexa. Isso se repercute no distanciamento de uma identidade negra homogênea, onde só haveria uma única forma de compreendê-la e vivenciá-la. Portanto, os estudos buscaram apresentar seu fator contraditório em sua própria significação.

Outro ponto a ser destacado é que na maior parte dessas produções, houve um olhar para o corpo discente, e não docente quando nos referimos à raça. Nesse sentido, a dificuldade de localizar trabalhos que se debruçaram na atuação de homens negros ocupando outros espaços na educação foi perceptível. Não pretendo, com isso,

deslegitimar as discussões já fundamentadas sobre as problematizações raciais que alunos vivenciam, mas trazer outras interrogações quando ajustamos o foco de investigação.

Ademais, os possíveis direcionamentos que enredaram as definições de homem puderam ser analisados na perspectiva da linguagem. Pensando em hooks (2008), a linguagem tem movimento e carrega consigo efeitos discursivos diferentes. Essa leitura e valorização de um homem que deverá estar alinhado à perspectiva de utilidade e afastado dos sentimentos é algo naturalizado e historicamente construído. Portanto, as tratativas nesse estudo ancoraram-se numa perspectiva também de agência diante as insistentes tensões experenciadas por eles.

A seguir, cabe apresentar os artigos selecionados e alicerçados com suas interlocuções teóricas para pensarmos sobre as significações que emergiram nesse levantamento. Desse modo, a intenção foi indicar as principais discussões, metodologias e conclusões utilizadas por esses(as) autores(as). Importante ressaltar que a ordem desses textos não reflete critérios de qualidade, mas sim um afinamento entre seus debates.

Tais resultados apontaram ainda para algumas informações importantes no momento em que se deseja buscar pela temática das masculinidades negras no campo da educação. É curioso observar que em cada qualificação dessas revistas, apenas um artigo foi localizado que discutisse a temática em questão. Portanto, ainda que aquém se comparado as problematizações das masculinidades sem o foco racial, ainda assim há uma representatividade de estudos que marcaram um território discursivo ainda pouco explorado. Além disso, nota-se que esse assunto é relativamente recente, sendo as primeiras publicações datadas de 2017 e as últimas em 2021.

Nos artigos, os debates de Tarcia Regina da Silva e Ernani Martins dos Santos (2021) versaram como a literatura infantil representa a construção das identidades de meninos negros com referência a bell hooks, Raewyn Connell e seus atravessamentos interseccionais a partir da teórica Kimberlé Crenshaw; Caetano et. al (2019) investigaram como homens negros gays concebiam as noções de masculinidades negras imersos no currículo de duas escolas na periferias do Rio de Janeiro a partir das concepções de Raewyn Connell; Já Suely Aldir Messender, Elisete Santana da Cruz França e Maria Nazaré Mota Lima (2017) e Paulo Melgaço da Silva Junior e Ana Ivenick (2019) focalizaram o cotidiano escolar para pensar as vivências de estudantes negros a partir da noção de performatividade de Judith Butler e da teorização da masculinidade hegemônica de Raewyn Connell.

Os referidos textos mobilizaram um estudo que trouxesse o protagonismo sobretudo de meninos e crianças negras provenientes de escolas públicas em suas análises. O currículo emergiu como uma potente ferramenta que impactou a vivência e experiência desses jovens em conexão com seus corpos. Raça, gênero e sexualidade são categorias que atravessaram esses sujeitos antes mesmo de adentrarem na escola e que a partir da construção de suas identidades, sendo elas múltiplas, atuaram de modo a impactar suas relações nesse espaço.

Para além de uma dicotomia de macho e fêmea², as problematizações articuladas pelos artigos caminharam para um debate sobre a necessidade que esses sujeitos negros têm de se sentirem pertencentes nas salas de aula. Em diálogo com autores e autoras, foi preciso então a revisão das propostas curriculares, alinhadas com a elaboração de um planejamento que fosse engajado na reflexão das desigualdades sociais e racismo. Os jovens negros tiveram, historicamente, suas imagens associadas a práticas sociais de discriminação, violência e hiperssexualização de seus corpos.

Para a fundamentação desses debates, os estudos de Kimberlé Crenshaw (2002) foram utilizados em parte dessas pesquisas para se pensar o conceito de interseccionalidade. Para ela, raça e gênero são um, dentre tantos outros marcadores sociais (idade, classe, território, por exemplo) que, a depender do contexto, vão colidindo uns aos outros. Quando pensamos no corpo negro e sua significação na sociedade, instaura-se um regime peculiar que impõe aos marcadores de raça, gênero, classe sua interrelação e em constantes sobreposições. Assim, raça e gênero não podem ser interpretados isoladamente ou em lados opostos.

Monica Prates Conrado e Alan Augusto Moraes Ribeiro (2017) vão chamar de *monocategoriais* justamente algumas noções em que o paradigma interseccional tenta incidir “quando falar de masculinidades e feminilidades é o mesmo que pensar o gênero como o guia analítico único e suficiente” (p. 79). Em determinadas ocasiões, podemos utilizar o gênero como forma de compreender parte das experiências desses homens. Em contrapartida, podemos suspeitar que tal categoria não seja o suficiente para explicar outras tantas intervenções na articulação com determinados estereótipos.

² É importante destacarmos que a visão cristalizada que busca binarizar as identidades é um recurso simplista que impossibilita as múltiplas formas de ser masculino e feminino na sociedade. Por outro lado, localizar essas performances imersas a um constructo social e histórico é uma estratégia de desmitificar uma tendência de essencializar os corpos.

Os artigos “Ser menino negro: uma análise em livros de literatura infantil”, de Silva e Santos (2021), e “Entre sexualidades, masculinidades e raça: contribuições do multi/interculturalismo para a prática pedagógica”, de Silva Junior e Ivenicki (2019), têm em suas raízes de estudos na crítica sobre como foi construída a representação dos corpos negros imerso a um problema que pode ser lido pelo viés interseccional. Os textos apontaram para os desafios postos que caminharam em uma visão ainda cristalizada sobre as identidades de mulher negra e homem negro no Brasil. Os estereótipos de raça e gênero alertaram para um debate que é histórico e construído.

A partir das metodologias de narrativas e pesquisa-ação, Silva Junior e Ivenicki (2019) buscaram compreender também como os jovens vivenciavam, de fato, suas experiências alicerçadas em suas múltiplas identidades. Ademais, há uma sutileza no artigo de Silva e Santos (2021) no momento em que os autores optam pela conjunção “e” ao se referirem aos marcadores de raça e gênero. Em uma das passagens a partir do livro “O Menino Nito”, de Sônia Rosa, os autores destacaram que um dos personagens da história ensina o filho Nito que homem não chora, apresentando dois marcadores distintos que se interrelacionam entre si: o fato de ser homem (gênero) e negro (raça) constrói uma imagem dupla de que homem e negro não devem chorar. Isso é a interseccionalidade atuando nos comportamentos, desde a mais tenra idade, nos sujeitos sociais.

Já os artigos que versavam sobre a construção das masculinidades negras, em geral, apresentavam uma estreita articulação com a socióloga Raewyn Connell e a filósofa Judith Butler para pensar a masculinidade enquanto um ato performativo de gênero alinhado a uma forma hegemônica de pensar essa representação. Por esse caminho, cabe tecer algumas considerações importantes desenvolvidas pelas autoras que possam justificar sua utilização como referencial teórico nesses textos.

O conceito de hegemonia apresentado por Connell (1995) refere-se a uma padronização de comportamentos que hierarquiza, culturalmente, as relações entre homens e mulheres na sociedade. Vale salientar que esse padrão sofreu algumas transformações históricas, porém preservou um conjunto de características que consolidou um ideal masculino frente aos demais. Contudo, o debate não se encerra apenas em uma relação de poder no qual coloca os homens superiores as mulheres, mas descreve tensões que essa hierarquização impõe e subalterniza aqueles que não pertencem a esse grupo idealizado: homem branco, hétero, cisgênero e de classe média. É nesse

limiar que nos interessa apresentar, por exemplo, como a autora comprehende os debates sobre as masculinidades que estão à margem da hegemonia.

Em seu texto “Políticas de Masculinidades”, Connell (1995) tenta escapar de uma ideia que aborda uma masculinidade delimitada a partir de uma escala onde no topo encontramos a masculinidade hegemonic, seguida da subalternizada.³ Por outro lado, é necessário o reconhecimento das múltiplas maneiras de experienciar as próprias vivências do masculino, mas sem desconsiderar suas conexões e vínculos à hegemonia. Nessa fronteira, constrói-se narrativas estereotipadas que cercam as próprias masculinidades subalternas.

Homens negros deparam-se com um contexto que os empurram ao exercício de performatizar hiperssexualidade e agressividade na sociedade. Violentada simbólica e fisicamente, a masculinidade negra carrega consigo especificidades identitárias de raça e de gênero, que a torna única em sua experiência, diferenciando assim das masculinidades brancas. Connell (1995) não projeta para a masculinidade subalternizada um terreno que seja estável e sem conflitos. Por outro lado, há sim determinadas incompletudes que coloca a relação entre os próprios homens negros posições de desigualdade. Por exemplo, àqueles que se identificam como homossexuais ou que sua performatividade de gênero se aproxima do feminino, por exemplo, sofrem preconceitos e estereótipos ainda que pertençam ao mesmo recorte racial.

Todos esses marcadores sociais que determinam o que é masculino e feminino na sociedade estão ancorados a uma performatização, na qual é aprendida, assimilada e naturalizada pelos sujeitos (re)significando seus comportamentos. Ainda que não utilizem Judith Butler em suas referências, Caetano et al. (2019) no artigo intitulado “Bichas pretas e negões: seus fazeres curriculares em escolas das periferias”, buscaram compreender como foi construída a noção de masculinidade negra a partir da ideia de performatividade pensando naqueles sujeitos que não se sentem pertencentes a essas padronizações de gênero.

Caetano et al. (2019) também investiram na narrativa de estudantes negros da periferia do Rio de Janeiro para e como foi sendo cristalizadas determinadas noções do que é esperado para os homens e negros na sociedade. Conforme sublinhado no início desse artigo, há determinadas expectativas para o corpo negro, como: agressividade,

³ Segundo as teorizações de Connell (1995), uma divisão das masculinidades caminha entre hegemonic, cúmplices e subalternas. Ao focalizarmos os sujeitos negros, podemos localizá-los diante uma base subalternizada e marginalizados perante ao padrão hegemonic (branco, heterossexual, cisgênero).

hiperssexualidade e eficiência. Porém, tais características não estão conectadas à essência do sujeito, mas às performances que vão sofrendo variações a depender do momento histórico que se deseja analisar.

Fundamentado em Caetano et al. (2019), reflito que há um impasse nessa lógica de poder que coloca esses homens em um paradoxo: não pertencem a uma masculinidade hegemônica, ao mesmo tempo que são essencializados para exercerem esse padrão e se aproximarem ao modelo de força, coragem e virilidade. Essa disputa de narrativas ancora-se, sobretudo, na marginalização desses sujeitos a partir de um modelo do homem branco como universal. Portanto, aqueles sujeitos que, eventualmente, não performatizam o ideal esperado, a citar os homens negros gays/trans/intersexos ou qualquer outra identidade de gênero que fuja da identificação heteronormativa, ocupam lugares contraditórios e de subalternidade nessa lógica de poder.

Por não se reconhecerem imersos a uma masculinidade negra, e não se enquadarem na hegemonia branca, cria-se então uma crise de identidade. Stuart Hall (2006) destaca que essa crise “está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (p. 9). Portanto, a descentralização do sujeito repercute então na composição de um outro, sendo este não mais estável e sim dissemelhante em suas experiências.

Caetano et al. (2019) finalizam suas ideias com uma conclusão diante o papel dos currículos das escolas que rompam com tais naturalizações e perspectivas excludentes das identidades. Buscam então outras relações na aplicação desses currículos que façam emergir saberes por vezes desprestigiados, excluídos e marginalizados. O cotidiano escolar, segundo os autores, emana um conjunto de embates e conflitos que se sobrepõem às normas que tentam ocultar essas complexas vivências.

Um conjunto de pesquisas (Vigoya, 2018; hooks, 2019, 2022; Franz Fanon, 2020, por exemplo) que fundamentaram as noções de masculinidades negras, não são a maioria dos estudos publicados em revistas de Educação, conforme apresentei nesta seção. Desse modo, essa carência ocasiona algumas inquietações diante os reflexos sobre as relações entre homens negros e suas experiências cotidianas. Pensar que tipo de masculinidade negra foi ou permanece sendo construída, rotulando esses sujeitos sob um discurso pautado nas dinâmicas influenciadas pelo racismo, afasta os debates que interseccionam raça e gênero na tentativa de essencializar esses corpos.

Deixar de lado suas significações, invenções e disseminações ocasiona construções únicas de narrativas. Ainda que houvesse a mobilização por parte de pesquisadores(as) na busca por compreender o gênero como produto histórico, a raça como uma construção performativa ficava à margem dessa discussão.

Por outro lado, ao adentrarmos nos artigos cujo focos encontram-se nas revista de Gênero e Sexualidade, algumas particularidades emergiram da escrita: seus debates, em geral, dialogavam com uma perspectiva que intersecciona gênero e raça para pensar a construção narrativa da masculinidade negra, ao lado de um maior referencial teórico negro que embasassem suas respectivas hipóteses. Sendo assim, cabe tecer algumas considerações sobre esses estudos que trazem para esse campo outras inquietações.

Utilizando autores(as) negros(as) como Kimberlé Crenshaw; bell hooks; Franz Fanon; Nilma Lino Gomes; Stuart Hall; Anibal Quijano dentre outros(as), tais estudos caminharam na tentativa de perceber a construção da identidade do homem negro na sociedade baseada em múltiplos marcadores. Sendo assim, as reflexões abriram espaço para um conjunto de tensões que se ampliaram para além da discussão de raça, mas também o atravessamento de gênero e classe na constituição de suas imagens.

A seguir, cabe acompanharmos alguns dos textos encontrados que tiveram destaque para pensar as construções do corpo masculino e negro na sociedade sob diferentes olhares. Inicialmente, gostaria de tecer uma breve explicação da escolha destes, e não outros artigos que versaram sobre as masculinidades negras. A decisão por realçar tais estudos justificou-se pela tendência na utilização dos caminhos teóricos-metodológicos no qual se repetiu para os demais textos. Sendo assim, a base teórica pós-colonial e decolonial foi um importante balizador que significou como os(as) autores(as) utilizaram tais referenciais, em sua maioria negra, para refletirem sobre as masculinidades.

A partir de alguns exemplos como em “Adolescentes Negros Moradores das Periferias Urbanas do Rio de Janeiro: entre Escola, Gênero, Masculinidades, Raça, Violência e Vivências”, Paulo Melgaço da Silva Junior e Leandro da Conceição Borges (2018); “O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça”, de Carvalho (2016); “Homem negro, negro homem: masculinidades e feminismo negro em debate”, de Conrado e Ribeiro (2017); “Interseções do e no masculino: Subalternização e vulnerabilidades das masculinidades negras”, de Silva (2022); “Preterimento do afeto, da amizade e do desejo entre bixas-pretas em espaços de socialização virtuais: identidades de Raça e Sexualidade em intersecção”, de Fábio de

Carvalho Cordeiro, Jamil Cabral Sierra e Lucimar Rosa Dias (2021), a recorrência da vertente pós-colonial foi um dos principais eixos analíticos entre os textos.

Em “Adolescentes Negros Moradores das Periferias Urbanas do Rio de Janeiro: entre Escola, Gênero, Masculinidades, Raça, Violência e Vivências”, de Silva Junior e Borges (2018), por exemplo, os autores utilizaram a perspectiva (de)colonial⁴ para analisar as narrativas de adolescentes negros em uma escola de Duque de Caxias, preferia urbana do Rio de Janeiro. Entre a hiperssexualização, força e violência, esses jovens vivenciam cotidianamente pressões para exercerem suas masculinidades, de modo a cumprir com as expectativas depositadas. Os autores trazem ainda não apenas o processo de vulnerabilidade frente à exposição de seus corpos, como também “as múltiplas possibilidades destes adolescentes em se construírem como sujeitos” (p. 19).

Conrado e Ribeiro (2017) buscaram realizar uma revisão dentro, e fora do Brasil, de autores(as) para pensarem como ocorre a construção das masculinidades negras imersas aos conceitos de Blackness, Black Experience e Interseccionalidades. Utilizando-se da reflexão do feminismo negro com destaque para autoras como bell hooks, Angelas Davis, Patricia Hill Collins, Sueli Carneiro entre outras, observaram uma lacuna no campo de estudos: há a necessidade de ancorar às abordagens de gênero e estudos feministas as experiências de homens e mulheres negros na sociedade.

No artigo “Interseções do e no masculino: Subalternização e vulnerabilidades das masculinidades negras”, Silva (2022) apresenta um conjunto de reflexões acerca dos processos que subalternizam e tensionam as masculinidades negras. Com destaque a autores(as) como Abdias Nascimento, Paulo Melgaço Junior, Kimberlé Crenshaw, Mara Viveiro Vigoya, colaboraram para discussão teórica à temática em questão. Ainda que projetem aos corpos negros o lugar de submissão e subordinação, o autor argumenta que também são nesses espaços que se revoltam, reivindicam e reinventam estratégias para denunciar as diversas formas de discriminação que sofrem.

Ao que emergiu nesses estudos, houve uma determinada padronização na forma como esses(as) pesquisadores(as) almejaram tensionar a temática das masculinidades implicada na discussão de raça. Tal constatação indicou que embora o foco não fosse a educação nessas revistas, esse campo de estudos perpassou e atravessou as experiências

⁴ Cunhado por Quijano (2005), o termo “colonialidade do poder” refere-se a maneira como os saberes e práticas foram, historicamente, hierarquizados e pautados na raça como expressão que classifica determinados sujeitos sociais entre colonizador e colonizado. Segundo o autor, “o padrão de poder baseado na colonialidade implicava também um padrão cognitivo, uma nova perspectiva de conhecimento dentro da qual o não-europeu era o passado e desse modo inferior, sempre primitivo” (p. 127).

dessas crianças, jovens, adultos negros na forma como organizam-se na sociedade. Os preconceitos e as interdições é um processo que interfere no subjetivo de modo a influenciar, sobretudo, na maneira como foram educados. Para além da instituição escolar propriamente dita, a educação navega por diferentes espaços educativos.

Além disso, uma potente reflexão que intersecciona as experiências escolares com as raciais tangenciava esses sujeitos. Nesse momento, inclusive, retomo minhas análises nos discursos de ódio que atravessam a subjetividade do sujeito estendendo-se à constituição do seu próprio corpo. Em concordância com Nogueira (2022), “o racismo é um projeto de asfixia letal que causa danos contínuos à potência vital que produz sonhos” (p. 5).

Nesse sentido, ainda que essas pesquisas não estivessem propriamente no campo da educação, ela é utilizada como inspiradora na maioria dos textos de Gênero e Sexualidade. Quando anuncio, por exemplo, algumas produções que apontavam para a transformação do currículo como estratégia de enfraquecer e/ou ressignificar a história hegemônica, a educação permanece tangenciando essa mobilização. Portanto, ainda que haja distanciamentos entre tais campos de pesquisas, há uma determinada convergência epistemológica.

Considerações finais

O silêncio de produções instaura no campo da Educação ainda um impasse frente as reflexões acerca das masculinidades negras. Tal escassez pode, inclusive, contribuir para reforçar as identidades masculinas cristalizadas e naturalizadas que se somam as investidas racistas e estabilizadores de se pensar a categoria homem, e mais precisamente homem negro. Sendo assim, apresentar essas publicações oxigena o campo com outras interrogações e questionamentos que interseccionem debates de gênero e raça em pesquisas científicas.

Embora não aprofundado neste momento, este estudo aponta também para caminhos possíveis na problematização da temática das masculinidades negras. Penso, sobretudo, diante os potenciais performativos que ainda podem ser investigados, brechas a serem exploradas e rachaduras avultadas. Lançar outros olhares para a educação coaduna para que pensemos não somente naquilo que obstaculiza as experiências desses sujeitos, mas também nas lutas e contrariedades que possamos eventualmente localizar.

A temática das masculinidades negras enquanto um campo de análise e político de significação permeia debates outros sobre o poder das agências mesmo em cenários de

opressão. Suspeitar de respostas prontas e tão logo proferidas sobre esses corpos negros e masculinos pode direcionar uma não estabilização de sentidos diante assuntos complexos. Por isso, pretendi ao longo dessa escrita desfazer alguns nós e anunciar conjuntamente outros tantos que possam emergir.

Referências

- CAETANO, Marcio Rodrigo Vale; TEIXEIRA, Tarciso Manfrenatti de Souza; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. Bichas Pretas E Negões: Seus Fazeres Curriculares Em Escolas Das Periferias. **Revista Teias**, [S. l.], v. 20, n. 59, p. 39–55, 2019. DOI: 10.12957/teias.2019.44438. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/44438>. Acesso em: 29 jun. 2024.
- CARVALHO, Marília Pinto de. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 22, p. 247-290, 2016.
- CONNELL, Raewyn. **Políticas da masculinidade**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul/dez. 1995.
- CONRADO, Monica Prates; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 73–97, 2017. DOI: 10.1590/0100-7929.40165. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/40165>. Acesso em: 29 jun. 2024.
- CORDEIRO, Fábio de Carvalho; SIERRA, Jamil Cabral; DIAS, Lucimar Rosa. Preterimento do afeto, da amizade e do desejo entre bixas-pretas em espaços de socialização virtuais: identidades de raça e sexualidade em interseção. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 119–137, jan./jun. 2021.
- CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Revista Estudos Feministas**, nº 1, 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4253342/mod_resource/content/1/InterseccionalidadeNaDiscriminacaoDeRacaEGenero_KimberleCrenshaw.pdf. Acesso em: 29 abril. 2024.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: Ebu editora, 2020.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.
- hooks, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. (Trad. Carianne Paiva Gonçalves, Joana Plaza Pinto e Paula de Almeida Silva). **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, V. 16, n. 3, pp. 857-864, dez. 2008.
- _____. Reconstruindo a masculinidade negra. Tradução de Stephanie Borges. In: hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019, 356p.

LEITE, M. S. **Performatividade:** inscrições, contextos, disseminações. *Práxis Educativa*, v. 9, n. 1, jan./jun, p. 141-165, 2014.

MESSEDER, Suely Aldir; FRANÇA, Elisete Santana da Cruz; LIMA, Maria Nazaré Mota de. As ambiguidades nos atos performativos dos rapazes negros estudantes: possibilidades para uma educação libertadora. **Momento - Diálogos em Educação, /S. I.J.**, v. 26, n. 1, p. 191–209, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/7062>. Acesso em: 29 jun. 2024.

NOGUEIRA, Renato. Denúncias e pronúncias: estudos afroperspectivistas sobre infâncias e educação das relações étnico-raciais. **Childhood & Philosophy**, v. 17, p. 01-22, 2020. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/childphilo/v16/1984-5987-childphilo-16-e48335.pdf>. Acesso em: 13 Jun. 2024.

PINHO, Osmundo. O corpo do homem negro e a guerra dos sexos no Brasil. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de. **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: _____. **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, p. 117–142, 2005.

SILVA, Tarcia Regina da; SANTOS, Ernani Martins dos. Ser menino negro: uma análise em livros de literatura infantil. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 30, n. 62, p. 46–61, 2021.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço; BORGES, Leandro da Conceição. Adolescentes Negros Moradores das Periferias Urbanas do Rio de Janeiro: entre Escola, Gênero, Masculinidades, Raça, Violência e Vivências. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**. V. 9, n. 1, p. 321, 2018.

_____; IVENICKI, Ana. Entre Sexualidades, Masculinidades E Raça: Contribuições Do Multi/ Interculturalismo Para A Prática Pedagógica. **Revista Tempos e Espaços em Educação, São Cristóvão**, v. 12, n. 29, p. 125–144, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/9326>. Acesso em: 29 jun. 2024.

VIGOYA, Mara Viveros. **As cores da masculinidade:** experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Tradução: Allyson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis selvagens, 224p, 2018.

Recebido em julho de 2025.

Aprovado em setembro de 2025.